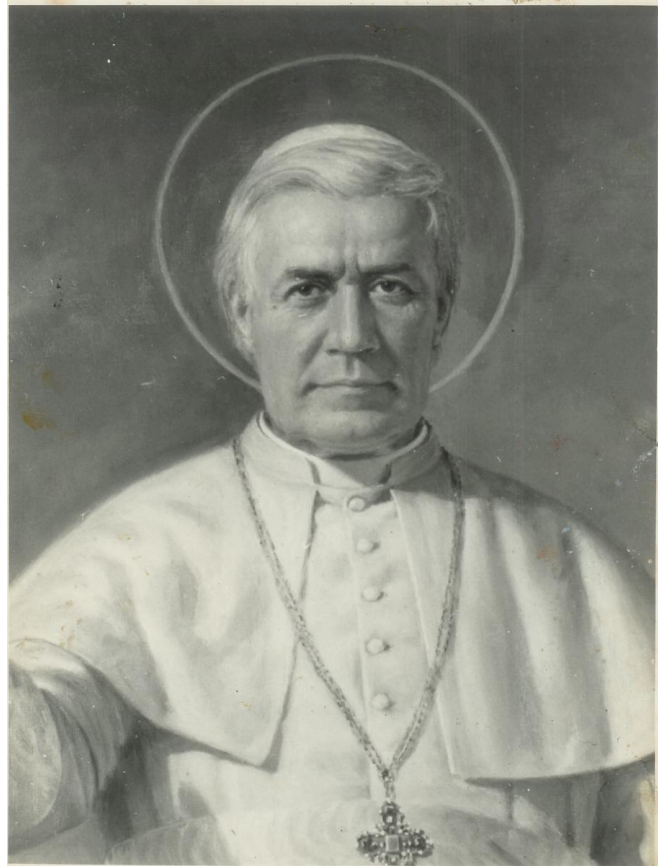


## Juramento anti-modernista

Motu próprio *Sacrorum antistitum*



**[O juramento anti-modernista foi promulgado em 1910 por São Pio X, e todos os padres, bispos e professores eram obrigados a fazê-lo até ser suprimido em 1967 por Paulo VI - N. da P.]**

Eu, N.N., abraço e aceito firmemente todas e cada uma das coisas que foram definidas, afirmadas e declaradas pelo magistério inerrante da Igreja:

Principalmente aqueles pontos de doutrina que diretamente se opõem aos erros do tempo presente.

1. E em primeiro lugar: professo que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser certamente conhecido e, portanto, demonstrado, como a causa por seus efeitos, pela luz natural da razão, mediante as coisas que foram feitas (Rom 1,20), isto é, pelas obras visíveis da criação;

2. Em segundo lugar: admito e reconheço como sinais certíssimos da origem divina da religião cristã os argumentos externos à Revelação, isto é, os feitos divinos, e em primeiro

lugar os milagres e profecias, e sustento que são sobremaneira acomodados à inteligência de todas as idades e dos homens, mesmo os deste tempo;

3. Em terceiro lugar: creio igualmente com fé firme que a Igreja, guardiã e mestra da palavra revelada, foi próxima e diretamente instituída pelo próprio Cristo, verdadeiro e histórico, enquanto vivia entre nós, e que foi edificada sobre Pedro, príncipe da hierarquia apostólica, e sobre seus sucessores para sempre;

4. Em quarto lugar: aceito sinceramente a doutrina da fé transmitida até nós desde os Apóstolos por meio dos Padres ortodoxos, sempre no mesmo sentido e na mesma sentença; e, portanto, rechaço de ponta a ponta a invenção herética da evolução dos dogmas, que passariam de um sentido a outro diverso do qual primeiramente a Igreja sustentou. Igualmente condeno todo erro, pelo qual, ao depósito divino entregue à Esposa de Cristo para que por ela seja fielmente guardado, substitui-se uma invenção filosófica ou uma criação da consciência humana, lentamente formada pelo esforço dos homens e que, posteriormente, deve se aperfeiçoar por um progresso indefinido.

5. Em quinto lugar: Sustento com toda certeza e sinceramente professo que a fé não é um sentimento cego da religião que brota das profundezas do subconsciente, por pressão do coração e a inclinação da vontade formada moralmente. Ao contrário, sustento que é um verdadeiro assentimento do intelecto à verdade recebida de fora pelo ouvido, pelo que cremos ser verdadeiras as coisas que foram ditas, testemunhadas e reveladas pelo Deus pessoal, Criador e Senhor nosso, e cremos por autoridade de Deus, sumamente veraz. Também me submeto com a devida reverência e de todo coração adiro às condenações, declarações e prescrições que estão na encíclica *Pascendi* e no Decreto *Lamentabili*:

1. Particularmente no relativo ao que chamam de história dos dogmas;
2. Do mesmo modo, reprovo o erro dos que afirmam que a fé proposta pela Igreja pode repugnar à história e que os dogmas católicos, no sentido em que agora são entendidos, não podem se conciliar com as mais exatas origens da religião cristã;
3. Condeno e rechaço também a sentença daqueles que dizem que o cristão erudito se reveste de dupla personalidade, uma de crente e outra de historiador, como se fosse lícito ao historiador sustentar o que contradiz a fé do crente, ou deitar premissas das quais se siga que os dogmas são falsos e duvidosos, contanto que não sejam negados diretamente;
4. Reprovo igualmente o método de julgar e interpretar a Sagrada Escritura que, sem levar em conta a tradição da Igreja, a analogia da fé e as normas da Sé Apostólica,

segue os delírios dos racionalistas e abraça não menos livre que temerariamente a crítica do texto como regra única e suprema;

5. Rechaço também a sentença daqueles que sustentam que quem ensina a história da teologia ou escreve sobre essas matérias tem que deixar antes de lado a opinião preconcebida, ora sobre a origem sobrenatural da tradição católica, ora sobre a promessa divina de uma ajuda para a conservação perene de cada uma das verdades reveladas, e que, além disso, os escritos de cada um dos Padres devem ser interpretados apenas com os princípios da ciência, excluída toda autoridade sagrada, e com aquela liberdade de juízo com que se investiga qualquer monumento profano;
6. De maneira geral, finalmente, me professo totalmente alheio ao erro pelo qual os modernistas sustentam que, na Sagrada Tradição, não há nada de divino, ou, o que muito pior, admitem num sentido panteísta, de sorte que já não reste mais que o fato enxuto e simples, que se deve pôr no nível dos fatos comuns da história, a saber: homens que por sua indústria, engenho e diligência continuam nas idades seguintes a escola começada por Cristo e seus Apóstolos;
7. Portanto, mantenho firmissimamente a fé dos Padres e a mantereí até o último sopro da minha vida sobre o carisma certo da verdade, que está, esteve e sempre estará na sucessão do episcopado desde os Apóstolos; não para que se sustente o que mais bem e mais apto possa parecer conforme à cultura de cada idade, mas para que nunca se creia de outro modo, nunca de outro modo se entenda a verdade absoluta e imutável pregada desde o princípio pelos Apóstolos.

Fica-se de joelhos e, estendendo a mão direita sobre os Santos Evangelhos, continua:

Tudo isso prometo que hei de guardar íntegra e sinceramente e custodiar inviolavelmente sem me apartar nunca, nem ensinando, nem de qualquer outro modo por palavra ou escrito. Assim, prometo; assim, juro; assim, ajude-me Deus e estes Santos Evangelhos de Deus.